

Teatro

No ano passado, acentuou-se a tendência, já anteriormente assinalada, para uma maior presença no xadrez da criação teatral de obras de autores nacionais. Essa presença tornou-se mais evidente nas propostas de textos dramáticos da responsabilidade de autores, geralmente, ligados à produção de cada espectáculo.

Outro factor a assinalar tem a ver com a juventude da maioria desses autores, o que parece comprovar a hipótese, que valerá a pena sublinhar, de o teatro ter vindo a assumir no panorama da actividade cultural, em termos genéricos, uma criatividade, por um lado, e uma política de recepção, por outro, que têm a ver com esse referido carácter

de arte, pouco mais ou menos, jovem.

Entre os autores que faziam parte das equipas responsáveis por determinados espectáculos, lembremos Carlos Jorge Pessoa, com *O Pavilhão dos Naufragos*, do Teatro Garagem; Abel Neves, com *Inter/Rail*, da Comuna; Miguel Moreira e Bibi Gomes, com *De um Lado Oculto*, de O Bando; Paulo Filipe Monteiro, com *Área de Risco*, do ACARTE; Paulo Matos, com *Delírios e Outras Flores*, do Arsenal d'Arte; Álvaro Magalhães, com *Enquanto a Cidade Dorme*, do Pé de Vento (espectáculo infanto-juvenil); Mário Jorge, com *O Príncipe e o Rouxinal*, de Os Pappa-Léguas (espectáculo infanto-juvenil); Luís Assis, com dois textos, *A Última Versão*, do Balleateatro (Por-

to) e *Entre a Espada e a Parede*, da Comuna; Lúcia Sigalho, com *Seres Solitários*, de Diversas Estações.

Se os autores (actores e encenadores) citados representam já um panorama teatral surpreendentemente vasto (em termos quantitativos), outros devemos acrescentar, o que virá a singularizar extraordinariamente esta lista.

Se as regras deste Balanço nos impedem de citar autores que não foram publicados ou representados antes de 1999, o que elimina necessariamente a presença de clássicos como Garrett (excepcionalmente presente nos palcos portugueses em 1999, em virtude do segundo centenário do seu nascimento, com outros espectáculos garrettianos, incluindo várias adaptações de obras não teatrais), mas também como Gil Vicente.

Outros autores, ligados ou não à criação teatral, devem ser aqui lembrados pela contribuição que deram ao panorama da actividade do teatro português em 1999. Foi o caso da actriz Maria do Céu Guerra, com *Agosto* (Barraca); Teresa Rita Lopes, com *As Tranquilas Aventuras do Diálogo* (ACTA, Algarve); Luís Mourão, com *Guerras Curtas* (Trindade); Fernando Oliveira, com *O Buraco e Anónimos ou a Culpa é do Umbigo* (Cenadro); Ana Cristina Oliveira, com *Conversas de Mulheres* (Ideia de Levante); Filomena Oli-

Balanço literário 1999

veira, dramaturgia de *Tomaí Lá do O'Neill* (C.^a de Teatro de Sintra); Luís Pacheco, com *O Libertino* (O Grupo); Francisco Pestana, com *Não Há Nada que se Coma?*—II — *A Saga Continua* (Trindade); Jacinto Lucas Pires, com *Arranha-Céus* (T. N. São João); Luiz Francisco Rebe-lo, com *É Urgente o Amor* (Ar-Cé-nico); Maria do Céu Ricardo, com *Lorca, Federico*, adaptação (TEC); Carlos Manuel Rodrigues, com *Chapéus Há Muitos* (C.^a de Teatro de Braga); José Saramago com aque-le que foi um dos acontecimentos teatrais do ano, e não só do ano, a adaptação de *O Memorial do Con-vento*, de Miguel Real e Maria Fi-lomena (C.^a de Teatro de Almada/C.^a de Teatro de Sintra); Tiago Torres da Silva, com *É o Mar, Alфонista, É o Mar* (Comuna); Rui Silveiras, com *Os Seis Sentidos e O Sentido do Pecado* (O Grupo); António Torra-do, com *Tudo Corre Bem no Melhor dos Mundos* (Comuna); Luíza Costa Gomes, com *É Agora, Outra Coisa* (Culturgest); Maria Velho da Costa, com *Vinha d'Alhos*, adaptação de Maria Emília Correia; Hélder Costa, com *Portugal em Abril* (Barraca); José Pinto Correia, com *2001 — A Odisseia das Bárbies* (Cassefaz); Graça P. Corrêa, com *Eleanor Marx* (Culturgest); Luís Castro, com *Mur* (Galeria Monumental); Fernando Caetano, com *Facas* (ACARTE); Jorge Listopad, com *Crónica Femi-nina* (C.^a de Teatro de Almada).

Esta lista, obviamente incompleta não pretende mais do que fornecer nomes e títulos de uma produção que se estendeu por outros lugares, além de Lisboa e Porto. É essa, de resto, uma outra vitória dessa produção, permitindo a revelação de autores que normalmente teriam ficado ou na gaveta ou no trabalho de grupos, mais ou menos obscuros, que tendem a desaparecer rapidamente. Importa, sobretudo, deixar possibilidades abertas a uma nova dramaturgia, possibi-lidades, outrora, impensáveis.

Além das estreias de que se deu notícia, sem pretensões e com a cons-

ciência, repete-se, da insuficiência da pesquisa feita, tenhamos em conta um outro vector fundamental neste Balanço: o das obras publicadas, re-presentadas ou não. Sendo ainda ne-cessário ter em conta, como é hábi-to, as obras que se inserem naquilo a que se chama bibliografia passiva.

O interesse de determinadas edi-toras pela publicação de obras tea-trais, em certos casos com o apoio de entidades públicas, explica a quan-tidade e mesmo a qualidade das edi-ções verificadas nessa área. Podemos citar essas editoras, às quais ficámos a dever, em grande parte, a mudança verificada. Publicações Dom Qui-xote/Sociedade Portuguesa de Au-tores, Cotovia, Hugin, Empresa Na-cional/Casa da Moeda, Colibri, Ca-minho, constituem o núcleo dura nes-sa área da edição. Isto não tendo em conta a edição de obras isoladas.

Da **Cotovia**, pelo menos, das obras que chegaram às nossas mãos, cite-mos **3 Peças Breves**, volume que in-clui as adaptações de «Michael Kohl-haas» de Heinrich von Kleist, com o título *Num País onde não querem defender os meus direitos, eu não quero viver*, por Jorge Silva Melo; *Dois Homens*, a partir de Franz Kaf-ka, por José Vieira Mendes (Prémio Madalena Perdigão); *O Amante de Ninguém*, a partir de três obras de Dostoievski, por Manuel Wiborg (¹).

O que há de curioso nestas adap-tações de obras de grandes autores estrangeiros é o facto de terem per-mitido a construção de textos dota-dos de uma grande força dramática. A sua leitura ajuda, como é eviden-te, o entendimento aprofundado das obras em causa.

Acrescentemos, nesta produção da Cotovia, outros textos, estes in-teiramente de autores nacionais, na sua maioria estreados em palco.

Duas peças de **Luíza Costa Go-mes**, ***Arte de Conversação seguido de Vanessa vai à Lua***, ambas es-treadas, peças que são bem repre-sentativas do que na autora é pri-mordial: a sua capacidade de fazer da escrita literária, escrita cénica.

Sob esse aspecto, a primeira dessas peças é modelar ⁽³⁾.

Com *Cucha Carvalheiro* voltamos ao teatro, isto é, voltamos ao teatro escrito por gente de arte, gente que domina a carpintaria, ou seja, a linguagem dramática, como é o caso da autora, com *Está Aí Alguém?*, um monólogo (seis personagens para uma atriz) de que o trabalho em palco demonstrou as excelentes qualidades teatrais ⁽³⁾.

Com um belo título, *Além as estrelas são a nossa Casa*, Abel Neves escreveu um conjunto de textos breves a partir dos quais, como o autor escreveu, se poderá transformar as potencialidades dramáticas desses textos ⁽⁴⁾. Autor com experiência de palco, Abel Neves confirma neste volume as suas capacidades dramáticas reforçadas por essa experiência.

De Vincente Sanches, a Cotovia publicou um volume intitulado *Quinto Império* ou *A Musa da Casa do Sêr* ⁽⁵⁾. Autor com vasta obra de que ele mesmo era editor (o que aliás também Torga fez), Vincente Sanches, além do sucesso que a sua colaboração com Manoel de Oliveira justamente obteve, é um dramaturgo de que algumas peças, e em especial *A Birra do Morto*, têm sido representadas com frequência e êxito. Duvido que esse êxito atinja os textos agora publicados e que pertençam ao número de peças do autor que o leitor tem dificuldade em imaginar em palco, de tal modo parecem rebarbativas na escrita literária e anti-teatral que, salvo erro, impõem.

*

Na continuação de um esforço editorial assinalável, a Sociedade Portuguesa de Autores em colaboração com Publicações Dom Quixote, lançaram a peça póstuma de Natália Correia, *D. João e Julieta* (Rostos de Narciso), tentativa de criar os laços que unem inesperadamente duas personagens marcadas pelo mito ⁽⁶⁾.

Tentativa discutível não deixa, contudo, de revelar os sinais inconfundíveis de uma autora que denuncia na expressão abismal que marca a sua obra o que nela representa a sua perenidade. A dramaturgia, como no caso de Natália Correia, joga-se menos nesse processo de um encontro ou de um desencontro entre duas personagens literárias igualmente famosas que Maria Velho da Costa foi buscar a Eça de Queirós e a Machado de Assis, e com as quais criou *Madame*, peça, entretanto, apresentada em palco, depois de ter participado no levantamento cénico do texto, aceitando (e discutindo?) as alterações que esse levantamento, aparentemente, exigia ⁽⁷⁾.

Talvez se possa dizer que, num caso como noutro, a força literária que marca os textos acaba por ser absorvida pela força dramática que o trabalho cénico teria imposto.

Menos relevante, a composição por Silvina Pereira de um texto intitulado *Garrett, uma Cadeira em São Bento*, pretextado por razões comemorativas ⁽⁸⁾. Neste caso, o importante é o tratamento dado a Garrett, de tal maneira que, espera-se, o grande escritor, que foi também um grande escritor de teatro, chega ao palco na multiplicidade da sua razão de ser, da sua afirmação como cidadão e artista. Silvina Pereira demonstra no seu trabalho dramático essa vontade de nos dar Garrett na complexidade do que nele existe de criativo e também de combatente pela liberdade.

Também a Hugin tem dedicado à dramaturgia nacional parte da sua actividade editorial, como podemos ver através do volume *Teatro, Ainda, de Jaime Salazar Sampaio*, volume incluído na colecção Dramaturgia, dirigida por Luiz Francisco Rebello ⁽⁹⁾.

Teatro, Ainda, como o título indica, representa a continuidade de um volume anterior dedicado ao *Teatro Completo* do autor, numa prova de que para Jaime Salazar Sampaio o teatro continua, e ainda bem.

Além do excelente prefácio de Luiz Francisco Rebello e das notas assinadas por vários especialistas, incluindo uma entrevista com Ana Maria Ribeiro, o volume integra quatro peças, como de costume, peças breves através das quais Sampaio cria pequenos mundos onde habitam personagens aparentemente banais, vivendo dramas, aparentemente insignificantes. E, no entanto, passamos de peça em peça, ao mesmo tempo, achando graça ao que lemos ou ouvimos e achando que essa graça, na ironia que a marca, no jogo do seu inevitável absurdismo, nos inquieta, parecendo existir nessa inquietação qualquer coisa que nos assusta, dando razão a Sebastiana Fassa: «os dois temas principais e constantes da obra de Salazar Sampaio: o Amor e a Morte...»

Ainda da Hugin, um novo livro de José Jorge Letria, com *Noite de Anões* seguido de: *Com a Pistola de Antero e Exílio do Coração* ⁽¹⁰⁾. Se *Noite de Anões*, Grande Prémio de Teatro da APE, decorre num albergue, nos finais do séc. XVI, entre o Norte de Portugal e a Galiza, nem por isso deixa de ser evidente a composição humana das personagens que os habitam e, ao mesmo tempo, a historicidade que as marca. Por isso, Luiz Francisco Rebello tem razão quando escreve que *Noite de Anões* é uma metaforização de Portugal, na forma de uma tragicomédia expressionista.

Quanto à peça *Com a Pistola de Antero*, possivelmente menos rica sob o ponto de vista dramático, regressam personagens históricas (Antero, Oliveira Martins, José Fontana, D. João II, etc.), personagens que representam a tragédia de um povo cujo retrato nos é transmitido pela imagem de um poeta que não aceita a vida.

Em *Exílios do Coração*, se o Cavaleiro de Oliveira é a personagem central, e através da qual o autor filtra as afirmações dramáticas que definem o texto, a personagem do Marquês de Pombal, mas também a pre-

Balanço literário 1999

sença da Inquisição, participam dessa afirmação que é a de um povo e de um país.

Se nem sempre os textos de Leiria revelam a força dramática e literária que se desejaria, há neles razões de representação que os justificam.

O ano que estamos a tratar (1999) foi decididamente marcado pelas relações que se criaram entre as personagens das obras dramáticas em causa e as personagens históricas. É o que acontece, entre outras, com as peças de Manuel Córrego com o título *EQ — Trilogia Queirosiana* ⁽¹⁾. Personagens inventadas por Eça ou escritores como Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, o próprio Eça, o volume é um xadrês no qual o jogo não chega a ser suficientemente inventivo para nos interessar.

Talvez se possa considerar que é na leitura, mais do que seria como obra representável, que esta *Trilogia Queirosiana* se justifica.

O facto de ser Eça a figura central da *Trilogia* ajuda-nos a manter esse interesse pela leitura. Nem por isso os diálogos breves e constantes deixam de constituir a base de uma escrita dramática que por vezes vale a pena acompanhar.

Talvez seja de considerar no panorama dramático do ano de 1999, o volume *Todo o Teatro*, no qual Luiz Francisco Rebello reuniu toda a sua obra teatral e que abre com um estudo notável de José Oliveira Barata, como um dos grandes acontecimentos do ano teatral ⁽²⁾.

A actividade de Luiz Francisco Rebello como responsável primeiro pela defesa dos Direitos do Autor não só representa um esforço sem paralelo entre nós como implica o sacrifício de outras actividades, nomeadamente a de criador dramático.

O volume *Todo o Teatro*, lançado pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda na Biblioteca de Autores Portugueses, inclui não só as peças mais conhecidas como textos que se mantinham praticamente inéditos. É o caso de *A Invenção do Guarda-Chu-*

va, de 1944, que representará uma surpresa, no clima surrealizante que cria, para muitos leitores do autor.

No seu conjunto, o volume de Luiz Francisco Rebello reúne um total de obras que explicam a importância de uma obra, com frequência, esquecida. A publicação de *Todo o Teatro* permite-nos, finalmente, conhecer e admirar, no que representa como criação de uma dramaturgia, um autor que faz parte da história do teatro português, ele mesmo historiador desse mesmo teatro.

A iniciativa da Imprensa Nacional/Casa da Moeda em editar não só Obras Completas de autores vivos, como Jaime Salazar Sampaio e Luiz Francisco Rebello, como obras de autores que pertencem a outras épocas, como aconteceu com o Teatro de Carlos Selvagem e, em 1999, com o *Teatro Completo* de Vitoriano Braga, essa iniciativa representa um esforço e um acto cultural que será indispensável valorizar ⁽³⁾.

O volume dedicado a Vitoriano Braga inclui peças inéditas, o que é significativo do seu interesse, sendo a introdução, pesquisa e fixação de texto da responsabilidade de Duarte Ivo Cruz.

Não se pode considerar que as várias fases por que passou o teatro português durante o século xx sejam, na totalidade, de qualidade excepcional. Nem por isso o seu estudo deve deixar de ser elaborado, e para isso nada mais indicado do que a apresentação de algumas das melhores das suas obras. É a isso que se espera que leve uma edição como esta.

*

Grande escritor, Mário de Carvalho está a tornar-se um grande dramaturgo. As peças incluídas neste volume editado pela Caminho, são à prova disso: *Se perguntarem por mim, não estou* e *Haja Harmonia* ⁽⁴⁾.

O que parece dominar a obra de

Mário de Carvalho, incluindo a sua obra teatral, é a inteligência e, ao mesmo tempo, a subtilidade, com que leva as suas personagens a participar nesse jogo no qual a ironia se torna um registo essencial. Nem por isso a conflitualidade em que as personagens jogam o que nelas há, ao mesmo tempo, de dramático e de irrisório, deixa de ser igualmente importante.

Uma das surpresas do ano teatral teve a ver com a estreia nessa área do poeta e ensaísta Fernando Guimarães, com o volume *Diotima e As Outras Vozes*, edição do Campo das Letras⁽¹⁵⁾.

O volume divide-se em sete peças breves e outros tantos diálogos. Tanto aquelas como estes propõem jogos dramáticos à volta de personagens de evidente carácter clássico, com poucas excepções.

O preso, o carcereiro, a mulher (que pode ser Maria), invisível o Senhor. Entre estas personagens cujo carácter mítico ou transcendental parece evidente, criam-se conflitos verbais, levantam-se situações sem futuro, através dos quais se cria o drama que parece não ter princípio nem desfecho.

Os dois volumes das *Obras Completas* de João Pedro de Andrade, edição de Acontecimento, traz ao nosso convívio um escritor esquecido, imerecidamente esquecido⁽¹⁶⁾. O segundo volume dessas Obras, único publicado em 99, inclui as peças *Continuação da Comédia e Barro Humano*, com prefácio de Luiz Francisco Rebello. Jornalista, escritor, crítico de teatro, actor dramático, João Pedro de Andrade, com uma obra modesta em termos quantitativos, bem merece a visita do leitor e do espectador, capaz de nelas encontrar razões suficientes para por elas se interessar.

De João de Castro Osório foram publicadas, num volume, as tragédias *Helena*, *Aquiles* e *Apoteose*, na *Trilogia de Troia*, edição nova Arancada⁽¹⁷⁾.

No teatro português moderno não abundam as tragédias, tendo como ponto de partida e inspiração a mitologia.

A *Trilogia de Troia*, agora aparecida em edição póstuma, não parece ser um modelo no género, embora a sua leitura não deixe de ser interessante.

Se conhecemos melhor Carlos Alberto Machado como autor de ensaios e mesmo como historiador teatral, nem por isso este monólogo que acaba de publicar deixa de ter interesse⁽¹⁸⁾.

Transportes & Mudanças (edição do autor) é um monólogo de uma mulher que nos fala mergulhada nos restos de vida que despreza. Salvo erro, uma boa estreia teatral.

Bibliografia Passiva

Não são muitos, melhor, são poucos os livros dedicados ao estudo do teatro editados em 1999. Poucos, mas, na sua maioria, com interesse.

Voltamos a Carlos Alberto Machado com aquela que é provavelmente uma das mais estimulantes e polémicas obras nessa área. Não se estranhem estes registos já que se trata de um estudo sobre o Teatro da Cornucópia (As Regras do Jogo), um estudo que nos ajuda a conhecer melhor e mais polemicamente a obra de uma das experiências essenciais do teatro em Portugal nos últimos 50 anos. Dissertação académica, este livro é tudo menos académico⁽¹⁹⁾.

Maria Idalina Resina Rodrigues publicou *De Gil Vicente a Lope de Vega/Vozes cruzadas do teatro ibérico*, edição da Teorema. Estudo amplo obedecendo a um tema de um interesse que não é necessário sublinhar, por isso dispensa recomendações⁽²⁰⁾. O mesmo poderemos dizer da obra, de uma apresentação gráfica impecável e assinada por um especialista, o álbum sobre os Bonecos de Santo Aleixo, da autoria de Ale-

xandre Passos, *As Marionetas em Portugal nos séculos XVI a XVIII e a sua influência nos Títeres Alentejanos*, um estudo e um álbum de grande qualidade histórica e artística⁽²¹⁾. Um outro volume a ter em conta: *A Boca de Cena* ou de como conhecer Fernando Amado, o criador da Casa da Comédia⁽²²⁾.

Um volume para a história do teatro independente: *Episódios de um Percurso — Seiva Turpe — Teatro Vivo (1973/1998)*⁽²³⁾, com texto de António Rebordão Navarro.

Registemos ainda: *O Discurso do Extracénico — quadros de Guerra em Eurípedes*, por Carmen Isabel Leal Soares, edições Colibri⁽²⁴⁾. ▼

Notas

(1) Jorge Silva Melo/José Vieira Mendes/Manuel Wiborg, *3 Peças Breves*, Edições Cotovia, Lisboa.

(2) Luíza Costa Gomes, *Arte de Conversação* seguido de *Vanessa vai à Lua*, Edições Cotovia, Lisboa.

(3) Cucha Carvalheiro, *Está aí Alguém?*, Edições Cotovia, Lisboa.

(4) Abel Neves, *Além as Estrelas são a nossa Casa*, Edições Cotovia, Lisboa.

(5) Vincente Sanches, *Quinto Império* ou *A Musa da Casa do Sêr*, edições Cotovia, Lisboa.

(6) Natália Correia, *D. João e Julieta*, Publicações Dom Quixote/Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa.

(7) Maria Velho da Costa, *Madame*, Publicações Dom Quixote/Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa.

(8) Silvina Pereira, *Garrett, uma Cadeira em São Bento*, Publicações Dom Quixote/Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa.

(9) Jaime Salazar Sampaio, *Teatro, Ainda*, Edições Hugin, Lisboa.

(10) José Jorge Letria, *Noite de Anões*, seguido de *Com a Pistola de Antero* e *Exílios do Coração*, edições Hugin, Lisboa.

(11) Manuel Córrego, *EQ — Trilogia Queirosiana*, edições O Regional, S. João da Madeira.

(12) Luiz Francisco Rebello, *Todo o Teatro*, edições Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa.

(13) Vitoriano Braga, *Teatro Com-*

Balanço literário 1999

pleto, edições Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa.

⁽¹⁴⁾ Mário de Carvalho, *Se perguntarem por Mim, não estou e Haja Harmonia*, edições Caminho, Lisboa.

⁽¹⁵⁾ Fernando Guimarães, *Diotima*, edições Campo das Letras, Porto.

⁽¹⁶⁾ João Pedro de Andrade, *Continuação da Comédia e Barro Humano*, edições Acontecimento, Lisboa.

⁽¹⁷⁾ João de Castro Osório, *A Trilogia de Troia*, edições Nova Arrancada, Lisboa.

⁽¹⁸⁾ Carlos Alberto Machado, *Transportes & Mudanças*, edição do Autor, Lisboa.

⁽¹⁹⁾ Carlos Alberto Machado, *O Teatro da Cornucópia (As Regras do Jogo)*, edições Frenesi, Lisboa.

⁽²⁰⁾ Maria Idalina Resina Rodrigues, *De Gil Vicente a Lope de Vega/Vozes Cruzadas do Teatro Ibérico*, edições Teorema, Lisboa.

⁽²¹⁾ Alexandre Passos, *As Marionetas em Portugal nos séculos XVI a XVIII e a sua influência nos Títeres Alentejanos*, edições CENDREV, Évora.

⁽²²⁾ Fernando Amado, *À Boca de Cena*, edições E Etc., Lisboa.

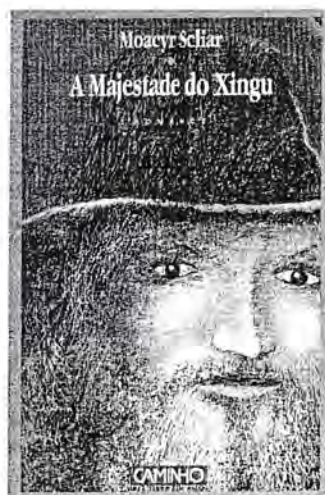
⁽²³⁾ António Rebordão Navarro, *Episódios de um Percurso — Seiva Trupe — Teatro Vivo (1973/1998)*, edições Seiva Trupe, Porto.

⁽²⁴⁾ Carmen Isabel Leal Soares, *O Discurso do Extracénico — Quadros de Guerra em Eurípedes*, edições Colibri, Lisboa.

CAMINHO

A MAJESTADE DO XINGU

Moacyr Scliar



Internado num hospital, lutando pela sobrevivência, o narrador desta história revela ao médico que o assiste o seu passado e o seu presente. Judeu russo, imigrado para o Brasil em 1921, ainda criança, encontra no *Madeira*, o navio que o transporta, aquele que virá a assumir um protagonismo onnipresente no desenrolar da sua vida: Noel Nutels, o médico judeu que irá consagrar os seus dias a cuidar dos índios brasileiros. Sem que jamais se encontrem desde o desembarque do navio (só em certo momento um deles sabe da presença do outro), a figura singular e luminosa de Nutels não mais deixará de fazer parte do dia-a-dia do narrador, dando algum sentido e alguma cor à sua existência cinzenta, monótona, apagada e sufocada atrás de um balcão, entre prateleiras cobertas de pó e pequenos dramas e conflitos familiares. Como escape, a leitura. E sempre, sempre, Noel Nutels. Ao longo de várias décadas acompanhamos a história recente do Brasil e episódios que a marcaram — a luta dos militantes comunistas, o extermínio dos índios na região do Xingu e toda a crueldade que esse processo envolveu, o golpe militar de 1964... Num estilo firme, contundente e bem-humorado o autor faz confluir nesta narrativa espantosa índios, imigrantes, generais, comerciantes, intelectuais, entrecruzando trajectos de vidas e destinos aparentemente tão diferentes e contudo tão idênticos. Um texto belíssimo. A não perder!

Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre (Brasil) em 1937. Autor de uma vasta obra (romance, conto, ensaio), recebeu já vários prémios e está traduzido em mais de uma dezena de línguas. *O Centauro no Jardim* (publicado pela Caminho em 1986). *A Orelha de Van Gogh* (contos, Prémio Casa de las Americas, 1988), *Sonhos Tropicais* (1992), *Contos Reunidos* (1995), *A Paixão Transformada: História da Medicina na Literatura* (1996), *A Mulher que Escreveu a Bíblia* (1999), são alguns dos títulos que destacamos. *A Majestade do Xingu* (saído em 1997 e publicada agora pela Caminho) foi galardoado com o Prémio José Lins do Rego, da Academia Brasileira de Letras.

Editorial Caminho, SA. Av. Almirante Gago Coutinho,
121. 1700-029 Lisboa.

Telefones 218 429 830. Fax 218 429 849

www.editorial-caminho.pt

caminho@editorial-caminho.pt

P.V.P.: 2.730\$00